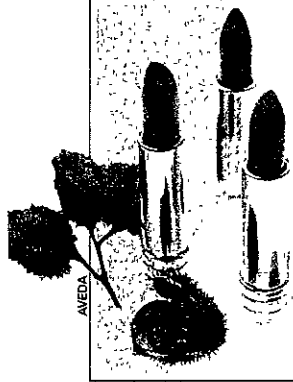


veja
4/10/93
64 70-71

Da floresta para o mundo



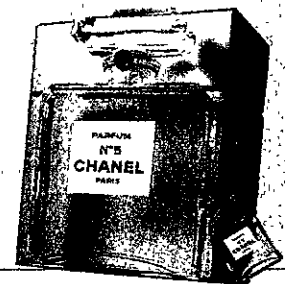
Batons da americana Aveda: o urucum é cultivado e beneficiado por índios do Acre, que já não abandonam a aldeia

Creme da pioneira Body Shop: marca inglesa tem quinze produtos feitos com óleos brasileiros



Xampu com óleo de babaçu lançado pela L'Oréal francesa: ingrediente da Amazônia é usado como apelo de venda

O perfume Chanel Nº 5 usa pau-rosa na fórmula, mas não divulga: árvore está na lista de ameaçadas



Amazônia

A selva é chique

Matéria-prima da floresta é usada para fazer bolsas, cremes e outros produtos de griffe

Klester Cavalcanti, de Belém, e Fernando Eichenberg, de Paris

A sede no número 24 da Rue Faubourg Saint-Honoré, em Paris, e as outras 230 lojas espalhadas por trinta países da sofisticada griffe Hermès começaram a receber neste mês modelos das bolsas vedetes da coleção outono-inverno. Na etiqueta de cada bolsa, lê-se: "From the Amazon Rain Forest" (da floresta úmida da Amazônia). A L'Oréal, também francesa, lançou recentemente, pela linha Planete Ushuaia, xampus naturais "à la crème de babassu d'Amazonie" (feito com creme de babaçu da Amazônia). A fabricante de cosméticos americana Aveda vende batons, condicionadores de cabelo e xampus com urucum, um corante vegetal, vindo do Acre. Por trás de cada um desses produtos há o dedo de empresas, organizações não governamentais, o trabalho de índios, seringueiros e ribeirinhos, e um conceito: a exploração sustentável da floresta.

Incluir matéria-prima da Amazônia em produtos de consumo funciona como um poderoso apelo de venda nos países ricos. A Body Shop, uma griffe inglesa de cosméticos com lojas em vários países,

Couro vegetal, matéria-prima da bolsa Hermès, e fibra de coco, para a Mercedes: apoio de ONGs

foi uma das primeiras a explorar a idéia, ao comprar óleo de castanha-do-pará dos índios caiapós para utilizar em cremes e xampus. Hoje a marca usa óleos brasileiros em quinze produtos. Além de inflar as vendas das empresas, esse tipo de marketing resulta em benefícios para comunidades pobres, que antes tinham poucas perspectivas de trabalhar e enriquecer. A produção do couro vegetal usado nas bolsas da Hermès, por exemplo, envolve 110 famílias, entre índios das tribos iauanauá e caxinauá e integrantes da Associação dos Seringueiros do Alto Juruá, no Acre. Ali, sacos de algodão são banhados numa solução de látex, extraída das seringueiras, e depois vulcanizados em lâminas, que, mais tarde, serão transformadas em bolsas. A renda mensal de cada família é de cerca de 230 reais.

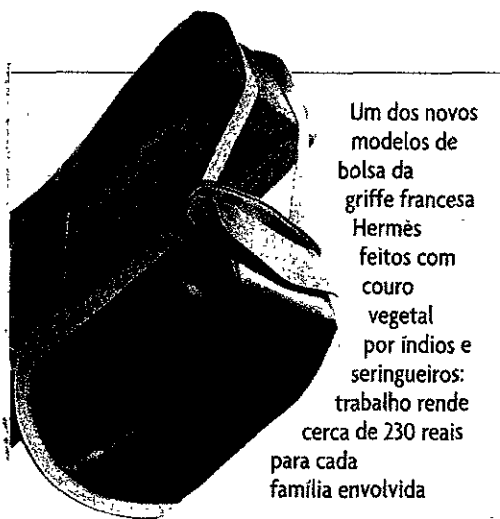
O sucesso do projeto inverteu o êxodo dos iauanauás que estavam fugindo para as cidades em busca de sobrevivência. Segundo a Funai, há cinco anos 230 índios viviam na Reserva do Rio Gregório. Hoje são 350. "Agora, eles podem produzir tranquilos porque sabem que têm comprador certo", afirma Beatriz Saldanha, coordenadora da ONG Couro Vegetal da Amazônia, CVA, que também vende bolsa, mochila, agenda e porta-níquel com matéria-prima da floresta numa lojinha no Rio de Janeiro e possui clientes na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Bélgica. Outro projeto que tem trazido dinheiro para os iauanauás é o cultivo e beneficiamento de urucum. O plantio foi financiado pela Aveda, que compra dos índios 16 toneladas de urucum por ano.

Iniciativas como essas são cada vez mais comuns. Em Pontas de Pedra, na região de Marajó, a Mercedes-Benz montou uma fábrica de encosto de cabeça para caminhões com fibra de coco. A iniciativa dá ocupação a trinta famílias. Nos próximos seis meses, a montadora vai criar mais doze unidades como essa no Pará e passar a fazer



veja
4/11/93

#1



Um dos novos
modelos de
bolsa da
griffe francesa
Hermès
feitos com
couro
vegetal
por índios e
seringueiros:
trabalho rende
cerca de 230 reais
para cada
família envolvida

ainda os bancos dos caminhões com fibras de coco. Na Ilha de Gurupá, também no Pará, funciona uma fábrica de palmitos de açai extraídos por trinta famílias de agricultores, de acordo com um plano de manejo florestal. Os palmitos Gurupá começam a ser exportados para a Holanda ainda neste ano.

Na semana que vem será lançado oficialmente pela Organização das Nações Unidas, ONU, na cidade francesa de Lyon, o programa Bolsa Amazônia. Com orçamento de 3 milhões de dólares para os próximos quatro anos, o projeto vai identificar os recursos naturais que podem gerar renda para as comunidades ribeirinhas e indígenas sem ameaçar o equilíbrio ecológico. Esse cuidado é importante para que o "apelo Amazônia" não saia pela culatra. O perfume Chanel Nº 5, por exemplo, foi ameaçado de boicote quando os franceses descobriram que empregava em sua fórmula óleo do pau-rosa, uma madeira tropical que os ecologistas alegam estar ameaçada de extinção. O bafafá só cessou quando a Chanel se comprometeu a desenvolver plantações próprias na Amazônia. ■



JANDUARI SIMÕES